

Apresentação

Som, imagens, luzes. Vozes múltiplas, diversas, polêmicas...

Durante três dias, de 5 a 8 de junho de 2001, a comunidade acadêmica e a sociedade local marcaram um encontro inusitado na Universidade do Amazonas para, ao som de tambores e de toadas, realizar uma rica e densa reflexão sobre o boi de Parintins e seu Festival, fenômeno cultural regional.

Já a algum tempo a Universidade vinha-se dando conta da existência de uma significativa produção intelectual em monografias de conclusão de curso, projetos de iniciação científica, livros e artigos, dissertações de mestrado e teses de doutorado sobre esta manifestação cultural. Esse interesse, presente também em outros centros universitários da região e fora dela, constituiu-se em objeto de pesquisa da mais alta importância acadêmica e social.

Nos três dias do Seminário “Boi-bumbá na Universidade”, no Campus/ICHL, em mesas-redondas, comunicações e depoimentos, os participantes – professores, estudantes, pesquisadores e membros dos bois Garantido e Caprichoso –, debruçaram-se sobre os temas *Arte e Cultura Popular* (1º dia), *Turismo e Globalização* (2º dia) e *Mito e Imaginário* (3º dia), sob a coordenação de Antônio José Vale da Costa, José Aldemir de Oliveira e Selda Vale da Costa, respectivamente, além de debates sobre a produção de vídeos para TV.

Promoção do Núcleo de Pesquisas em Comunicação – COMPESQ (Depto. de Comunicação Social), Núcleo de Estudos e Pesquisas Sociais – NEPS (Depto. de Ciências Sociais) e do Núcleo de Estudos do Imaginário – NUMAGI (Mestrado Natureza e Cultura na Amazônia), o evento aglutinou os interessados, chamados pela voz de Fred Góes e Tony Medeiros, pelo som da Marujada do Caprichoso e pelo encanto da encenação do *Auto do Boi* pelo grupo teatral Baião de Dois e os garotos do Boi Corre-Campo de Manaus, sob a direção de Selma Bustamante.

A magia dos povos da floresta penetra no recinto sagrado da ciência e da razão e orvalha com seu encanto o campo, por vezes ressecado, do mundo acadêmico.

Nos artigos, comunicações e depoimentos que compõem este número especial, o leitor de SOMANLU encontrará diferentes abordagens e enfoques às vezes antagônicos, mas todos unidos por um único fio condutor: o reco-





nhecimento da importância do fenômeno sociocultural do boi de Parintins e de seu Festival Folclórico.

A cultura, fenômeno dinâmico, cambiante, adquire ao longo do processo histórico novos significados, recriando novas configurações e colocando novos e constantes desafios ao conhecimento. A cultura regional, como expressão síntese dos momentos históricos vivenciados pela Amazônia, representa uma das janelas possíveis para a compreensão da identidade local. Essa multidisciplinaridade e uma certa polissemia capturaram o olhar e a mente dos estudiosos, que buscaram penetrar o universo simbólico das populações tradicionais e a relação entre o saber local e os interesses globais contemporâneos.

Os questionamentos presentes em alguns textos que tratam das transformações ocorridas no Festival e seu ritual – de brincadeira de rua a espetáculo, de cultura popular a cultura de massa, produto globalizado, carnavalização, mercantilização, espetacularização do boi – conduzem a reflexões de caráter conceitual e operacional sobre a identidade regional. Assim, os textos de *Sérgio Gil Braga* e *Dejard Vieira* privilegiam a reflexão antropológica através de questões como “estruturas de significado” relacionadas às manifestações culturais do fenômeno, e à natureza dos conceitos de tradição, enquanto permanência, e de modernidade, enquanto mudança.

Ângelo Pimentel, por sua vez, debruça-se sobre o significado das mensagens da toada, expressão musical que entrelaça história e memória e que, em conjunto com a cenografia, a coreografia e adereços, compõe o núcleo da criação artística e cultural regional, analisada nos depoimentos de *Odineia Andrade*, *Fred Góes*, *Tony Medeiros*, *José Mayr*, *Max Sampaio*, *Mêncius Mello* e *Marcos Santos*.

O Festival de Parintins presta-se também a análises a respeito das transformações socioeconômicas e de comportamento por que passa a cidade, sugerindo que, se Parintins não se diferencia de outras cidades que sofrem semelhante processo de transfiguração, como é exemplo Salvador, com a *axé music*, S. Luís do Maranhão, com o *reggae*, ou até mesmo o fenômeno da moda/música *country* de Barretos/SP, o fenômeno do boi-bumbá adquire características históricas particulares.

O ecoturismo ou/e o turismo cultural na Amazônia, santuário e patrimônio ecológico da humanidade, levanta acirradas polêmicas, conduz a indagações sobre seus efeitos para o desenvolvimento – real, pretense? – da cidade e da



região (*J. Camilo R. Souza e Ana Rúbia Figueiredo*); coloca em causa a situação desigual entre a população local e os turistas visitantes (*Fátima Guedes*), mas aponta também frutos menos amargos que podem beneficiar a sociedade local nos aspectos econômicos (*Luiza Elayne C. Azevedo*) ou pedagógico-ambientais (*Elizabeth Santos*). Um aspecto novo na análise presente foi o tratamento das toadas como veículos de comunicação de massa, em comunicação de *Gerson Dantas*, e a análise dos meios de comunicação de massa como veículos multiplicadores e incentivadores de fenômenos similares, como o Sahiré de Alter do Chão, a Ciranda, de Manacapuru e outros, na perspectiva de *Wilson Nogueira*.

A captação/captura da imagem para a TV ensejou discussões sobre a natureza desse formato e desvendou os bastidores de sua produção, nos depoimentos de *Salete Lima e Elaine Meneghini*.

Enquanto atualização do mundo mítico e alimento do imaginário amazônico, o ritual dos bois-bumbás de Parintins durante – mas, também, antes e depois – da festa maior presta-se à reflexão sobre a universalidade do mito, da natureza da festa e da celebração e tenta visualizá-los enquanto significados que se traduzem no visual, no ritual e na criatividade.

O texto de *João de Jesus Paes Loureiro* levanta proposta audaciosa de renovação conceitual, propugnando por uma poética do sensível, às vezes menosprezada pelos estudiosos da cultura amazônica, enquanto o ensaio de *M. Laura Cavalcanti* propõe a interpretação do boi-bumbá como um novo Indianismo, destacando a valorização moderna do “indígena” como uma verdadeira reviravolta no imaginário local. *Amarildo Gonzaga e Marcos Frederico Krüger* viajam pelos percursos “mítico”, “folclórico” e “literário” do boi, para concluir que o boi-bumbá é um sucedâneo do culto a antigas divindades, simbolismo que se renova anualmente, com a morte e a ressurreição do boi, “uma forma de divinização contemporânea, que se realiza no plano social e não mais no existencial”.

Os parintinenses têm a arte na alma, afirma o fotógrafo e designer *Andreas Valentin* e expressa essa certeza em ensaio fotográfico, que dá cor e brilho a este número especial da SOMANLU, captando rostos, gestos, movimentos e cenas da Ilha, em fotos inéditas.

Por fim, oferecemos o mapeamento da produção acadêmica sobre o boi de Parintins, pivô de toda a movimentação na Universidade, e que indica as





várias tendências dos estudos e interesses que se entrelaçam na percepção e significação do fenômeno cultural.

Agradecemos, em especial, a colaboração da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade do Amazonas, das Faculdades Objetivo e da Manaustur, por propiciarem este encontro mágico. Ao Banco do Estado do Amazonas – BEA, pelo patrocínio na edição e publicação deste número especial.

Aos estudiosos participantes e apaixonados pelos dois bois e ao povo parintinense e seus artistas, os calorosos aplausos dos promotores do evento e editores deste número especial da revista do Mestrado Natureza e Cultura na Amazônia.

Selda Vale da Costa